

José Luiz Gonzaga do Prado

BREVE HISTÓRIA DA MISSA

Palestras radiofônicas

INTRODUÇÃO

Estas nove palestras radiofônicas, preparadas inicialmente para uma emissora da cidade de Lavras, no sul de Minas, chegam agora às suas mãos através deste livro. Pensamos em uma coisa simples e popular, acessível a quem tenha um mínimo de conhecimento e de prática eucarística dentro da Igreja católica.

Partimos do início, da derradeira ceia de Jesus com seus discípulos segundo nos informam Paulo e os Evangelhos e seguimos procurando nos texto do Novo Testamento, em documentos dos primeiros séculos e na história posterior a evolução por que passou o cumprimento do mandamento do Senhor: “Fazei isso em memória de mim!”.

Para que os programas radiofônicos não se tornassem maçantes, introduzimos perguntas feitas por alguns interlocutores. Conservamos as perguntas tais e quais, crendo que serão também de utilidade ao leitor de nosso livro.

Esperamos que a publicação possa trazer lhe bom proveito, não apenas para o seu conhecimento, mas muito mais ainda para sua vivência eucarística.

- 1 -

A ÚLTIMA CEIA

A pedido do Sr. Michel Hadad, por algum tempo vamos manter um contato com os ouvintes do programa A Hora da Esperança, para conversar um pouco sobre a Missa.

(INTERLOCUTOR) Será que desde o início a Missa foi celebrada da forma como hoje se faz?

- Os mais idosos lembram que não. Antes do Concílio Vaticano II era bem diferente do que é hoje.

(INTERL.) Por onde vamos começar?

- Podemos começar pelo começo, pela ceia pascal de Jesus com seus discípulos, a Última Ceia. O Evangelho segundo Marcos deixa perceber claramente qual era o clima daquela noite. Mateus e Lucas também não escondem que a última semana de Jesus em Jerusalém foi bem pesada.

(INTERL.) Porque você diz que essa semana de Jesus foi pesada?

- O conflito com as autoridades dos judeus e dos romanos só aumentava. Jesus denunciava com firmeza a hipocrisia que acobertava a exploração sobre o povo. Ele dizia: *Eles devoram as casas das viúvas e dos órfãos fingindo fazer longas orações*. Enquanto isso, os chefes, com o apoio dos romanos, só esperavam um momento oportuno para prender Jesus e matá-lo.

(INTERL.) Jesus só falou?

- Jesus não falou só, ele agiu também. No templo, onde a exploração do povo acontecia da maneira mais escandalosa, ele revirou as mesas dos cambistas, os banqueiros daquele tempo, tocou para fora os animais que eram negociados e disse: *Vocês fizeram da casa de Deus um esconderijo de ladrões!*

(INTERL.) E isso resolveu alguma coisa?

- Claro que depois tudo voltou ao normal. Mas o gesto de Jesus ficou entalado na garganta dos chefões. Tinham de encontrar um jeito de prendê-lo. Sabiam que as denúncias dele com o anúncio do reinado ou império de Deus, no fundo, iam também contra o Império Romano. Eles tentavam colher alguma palavra ou gesto dele que lhe complicasse a situação diante do poder romano, mas só conseguiam mostrar mais e mais sua religião só de fachada e a dominação sobre o povo.

(INTERL.) Então Jesus sabia que queriam matá-lo?

- Jesus sabia do perigo, por isso, só ficava em Jerusalém durante o dia. Os chefões queriam prendê-lo, mas tinham medo do povo, apaixonado por ele. Se conseguissem prendê-lo à noite, sem que ninguém visse, depois seria mais fácil enganar o povo mais uma vez. Por isso, quando começava a escurecer, Jesus saía da cidade e só voltava no outro dia de manhã.

(INTERL.) Mas na quinta-feira Jesus foi à noite para Jerusalém; não?

- A Páscoa é a maior festa dos judeus. Celebra a noite em que escaparam da escravidão, celebra a vida amargurada e as lágrimas que derramaram quando eram escravos do Faraó. Foi o sangue de um cordeiro, passado nos portais das casas, que os tirou da escravidão. O sangue nos portais não deixou entrar nas casas dos hebreus a epidemia que matou os filhos dos egípcios. E, enquanto os egípcios choravam seus mortos, os hebreus escaparam. A morte daquele cordeiro trouxe a liberdade para eles. Assim conta a sua tradição.

Jesus desejava ardentemente celebrar a Páscoa com os discípulos em Jerusalém. Naquela noite ele ia entrar na cidade, sabendo e prevendo o que ia acontecer. Seria ele o cordeiro da nova Páscoa. Só a sua morte poderia livrar a humanidade da raiz de toda e qualquer escravidão. Mas ele não queria ser preso antes de celebrar essa Páscoa, para mostrar, assim, aos discípulos o significado da sua morte. Comparada com a do cordeiro pascal, a morte dele liberta a humanidade inteira de todo tipo de escravidão.

(INTERL.) E não era perigoso para Jesus entrar em Jerusalém à noite?

- Era muito perigoso. Se as autoridades ficassem sabendo, ele seria preso imediatamente. Jesus combinou tudo secretamente. Sabia que havia um traidor entre os discípulos, por isso, nem os discípulos podiam saber com antecedência em que casa iriam celebrar a Páscoa.

(INTERL.) A gente encontra isso nos Evangelhos?

- Aí o Evangelho de Marcos dá os maiores detalhes. O dono da casa manda um homem, filho ou empregado seu, buscar água, coisa que só as mulheres faziam. Era a senha. Jesus manda dois discípulos para preparar todo o necessário. O homem que carrega a água não sabe de nada, mas leva os discípulos até a casa. Os discípulos devem falar com o dono da casa, só ele e Jesus sabiam. Mais tarde, noite já escura, Jesus vai para lá com os outros discípulos.



(INTERL.) Jesus e os discípulos terão lembrado a saída da escravidão do Egito?

- Na ceia, sem dúvida, toda a tradição bíblica do êxodo foi lembrada. Aliás, o próprio ritual de comer de pé, prontos para viajar, e, além de comer a carne do cordeiro cuja morte livrou o povo da escravidão, o pão sem fermento, as ervas amargas, temperadas com salmoura, tudo lembrava as lágrimas, a vida amarga da escravidão, a pressa de sair, a morte do cordeiro, cujo sangue foi a libertação.

(INTERL.) Como será, então, que Jesus fez para mostrar que se entregava àquela morte?

- Todos comiam do mesmo pão, um pão grande do qual cada um pegava seu pedaço. Quem presidia a mesa, depois de fazer a oração de ação de graças pelo alimento, partia o pão e entregava um pedaço a cada um.

Foi então que Jesus, depois de rezar a ação de graças, ao entregar aos discípulos o pão partido em pedaços, disse: “Esse pão sou eu, é a minha pessoa, o meu corpo, que se entrega à morte por vocês e pela multidão, o povo sofrido”. Cada um ia comer um pedaço daquele pão. Jesus estava dizendo: “Eu lhes dou pedaços de mim” ou “Podem tirar pedaços de mim!”.

(INTERL.) E Jesus fazer isso mudava alguma coisa no mundo?

- Alguém precisava dizer isso. Alguém precisava fazer isso. Em todo lugar uns estão querendo tirar pedaços dos outros. Só o que Jesus faz pode livrar a humanidade da raiz de toda escravidão, o pecado, que se resume na cobiça, cobiça de poder e de prestígio. É por aí que Jesus vence a cobiça e se torna o cordeiro que tira o pecado do mundo.

(INTERL.) A morte de cruz tinha algum significado especial?

A morte de cruz era a mais humilhante que poderia haver. Imaginem ser pregado pelos punhos totalmente numa peça de madeira e ficar, assim, pendurado numa estaca até morrer. Além disso, quem morria na cruz estava excluído da cidadania romana e da cidadania judaica. Um cidadão romano, mesmo o maior criminoso, jamais poderia ser crucificado. Morte na cruz era para os desclassificados, para os que não mereciam o menor respeito da sociedade. Para o judeu, morte de cruz significa a maldição de Deus. Está na Bíblia, no livro do Deuteronômio, capítulo 21, versículo 23: “morrer pendurado é maldição de Deus”. O pão do qual cada pessoa toma um pedaço já significava a entrega de Jesus a essa morte maldita.

(INTERL.) E o vinho? Como entender o significado do vinho?

O vinho era bebido por todos na mesma taça. Quatro vezes, segundo o ritual da Páscoa, a taça de vinho passa de mão em mão, para que cada qual beba um gole. Na última rodada, ao passar a taça para que cada um tomasse seu gole, Jesus diz que aquele vinho é o seu sangue. Sangue, no modo de

falar bíblico, significa assassinato, morte violenta especialmente. Beber o sangue de Jesus, então, é beber a sua morte violenta, o seu assassinato na cruz.

(INTERL.) Jesus mandou repetir seu gesto em sua memória. Será que ele mandou apenas pegar um pedaço de pão e um pouco de vinho e dizer as mesmas palavras que ele disse? Basta lembrar, conferir que Jesus fez isso mesmo? Celebrar a memória é apenas isso?

Fazer memória significa bem mais: Significa tornar atual a grandeza do gesto de entregar-se àquela morte humilhante e significa também o compromisso de fazer o mesmo, partir-se em pedaços, dar o sangue em favor dos outros.

Gosto de perguntar às crianças que vão fazer a primeira comunhão: ‘Vocês têm coragem de deixar tirar pedaços de vocês? Têm coragem de dar o sangue pelos outros?’ Os olhares e as cabecinhas estão dizendo que não. E eu lanço o desafio: ‘Então, porque estão querendo comungar?’ Ficam sem resposta. Mas um dia um menino me respondeu: “Por isso mesmo!”...

Muito grato pela atenção e até o próximo programa, quando, se Deus for servido, vamos falar da Missa vinte anos depois de Jesus.

- 2 -

V I N T E A N O S D E P O I S

Hoje vamos falar de como era a Missa e se já havia algum problema, alguma dificuldade, vinte anos depois da Última Ceia de Jesus.

(INTERL.) A gente pode saber como era a Missa vinte anos depois de Jesus?

- Pode. Na sua primeira carta à comunidade cristã que havia na cidade grega de Corinto, o Apóstolo Paulo fala da Missa, então chamada de Ceia do Senhor.

(INTERL.) Como era essa cidade e a comunidade cristã que aí havia?

- Segundo as melhores informações que temos hoje, dois terços da população de Corinto eram feitos de escravos. Era uma cidade de muita riqueza, em cima de muita pobreza. A comunidade cristã nessa cidade teve início por volta dos anos 49 ou 50, cerca de vinte anos depois da morte-ressurreição de Jesus, quando Paulo chegou lá pela primeira vez.

Segundo o mesmo Paulo, a grandíssima maioria da comunidade era de gente pobre, sem nome e sem estudos. Ele diz no v. 26 do capítulo 1 da sua Primeira Carta aos coríntios: ‘entre vocês ‘não há muitos poderosos, nem muitos sábios, nem muitas pessoas importantes’. Se havia entre os irmãos pessoas de alta sociedade, instruídas e ricas, eram poucas, muito poucas.

(INTERL.) Como era, então, a Missa numa comunidade assim?

- A celebração da Ceia do Senhor, que era como chamavam a Missa, se realizava numa refeição comum, uma mesa partilhada. Os mais ricos, especialmente os donos da casa onde se reunia a comunidade, preparavam coisas de comer e de beber, para partilhar com todos. Lembrar que a grande maioria era de pobres, escravos e sem recursos.

Aquela celebração devia condenar as grandes desigualdades que havia na cidade. A Ceia do Senhor devia ser a mesa da partilha, o pão da igualdade. Valia como um grito assim: ‘Este mundo está errado! Nós fazemos diferente, entre nós não há desigualdades. Somos irmãos e iguais de verdade. Nós vamos mudar este mundo!’

(INTERL.) Então era uma coisa bonita, uma união linda e forte!

- Acontece, porém, que não era bem isso o que estava acontecendo. Ao contrário, os ricos, sabidos e importantes estavam aproveitando a ocasião para fazer bonito em cima dos pobres. Isso, vinte

anos depois de Jesus! Quando se ouve falar hoje em casamentos ou outras celebrações de exibição, de ostentação, a gente ainda teria uma desculpa, estamos quase dois mil anos depois de Jesus. Mas vinte anos depois!... É demais!

(INTERL.) O que é que estava acontecendo?

- Os poucos poderosos, intelectuais e bem nascidos preparavam comidas e bebidas fartas, refinadas e saborosas. Chegavam cedo ao local combinado, a grande casa de algum deles. A maioria, gente pobre, muitos escravos, nada



levava e ainda chegava mais tarde. Quando os pobres chegavam, os poucos poderosos e importantes já tinham comido e bebido à vontade, enquanto pobres ficavam por um canto, humilhados e famintos, vendo os ricos, sábios e importantes, fartos e até bêbados.

(INTERL.) E como foi que o Apóstolo Paulo ficou sabendo disso?

A comunidade, ou esse grupinho de ricos, sábios e nobres, mandou uma carta a Paulo, que estava em Éfeso, apresentando-lhe algumas dúvidas, fazendo algumas perguntas. Mas os portadores da carta contaram o que estava acontecendo por ocasião da Ceia do Senhor. No capítulo 11, versículos de 17 em diante, da carta com que respondeu (1^a aos Coríntios), o Apóstolo Paulo entra no assunto.

(INTERL.) E qual foi o comentário que ele fez sobre isso?

- Ele começa dizendo que essas celebrações, assembléias ou reuniões não estão trazendo crescimento para a comunidade, ao contrário, estão prejudicando, fazendo mal. Pode, amigo ouvinte, a celebração da Ceia do Senhor, a Missa, fazer mal, prejudicar, em vez de fazer crescer a comunidade? É o Apóstolo Paulo quem diz que sim, pelo menos lá em Corinto.

Primeiro, a divisão, a separação, a discriminação, um grupinho de sábios, espirituais, importantes, poderosos, influentes, e a maioria “fraca”, calada, humilhada, Zé Ninguém, posta à parte. É difícil de acreditar que isso aconteça numa comunidade cristã, mas é verdade e Paulo acredita, pelo menos em parte. Admite até que os portadores da carta, que lhe falaram sobre isso, estejam exagerando. Mas talvez seja até bom que isso aconteça, diz ele, para ver quem é cristão de verdade, quem é irmão não só de nome.

(INTERL.) E do significado religioso, da celebração como memória da morte do Senhor, que diz Paulo?

- Ele diz: “Isso já não é a Ceia do Senhor, porque enquanto uns estão fartos e até embriagados, outros estão passando fome”. Que diferença há entre isso e o que estamos cansados de ver na cidade e no mundo inteiro, os fartos de um lado e, do outro, os famintos? Se esse grupinho quer comer e beber à vontade, sem tomar conhecimento dos que não possuem nada, que faça isso em suas casas, não na Ceia do Senhor! Mais. Isso é desprezar, é fazer pouco caso da Igreja, a assembléia, não a da cidade, formada de ricos e bem nascidos, mas a Igreja de Deus, a assembléia dos pobres.

(INTERL.) De certo estavam acostumados a se exibir à custa da humilhação dos pobres e continuaram fazendo a mesma coisa na Ceia do Senhor.

Seguindo, ele vai falar do absurdo disso tudo. Hoje a gente poderia dizer também: falar em Show-missa é o mesmo que falar em círculo quadrado, uma coisa é o oposto da outra. Show é espetáculo, ostentação, exibição, enquanto que a Ceia do Senhor é celebrar a entrega da própria pessoa à mais vergonhosa das mortes, é partir-se em pedaços, dar o sangue em favor dos outros. Isso não combina com espetáculo, com ostentação.

E Paulo fala, então, do que Jesus fez na última ceia. Diz que aprendeu do próprio Jesus e passou para aquela comunidade o que ele fez naquela noite em que se entregava para ser preso e condenado à cruz. Essa carta aos coríntios, escrita bem antes dos Evangelhos, traz a mais antiga narração do que Jesus fez naquela ceia, como fez do pão e do vinho sinais, sacramentos, de sua entrega à morte de cruz em favor de todos. Como é possível, agora, celebrar a morte do Senhor, pensando só em si, exibindo-se e humilhando os outros?

(INTERL.) Por que será que se diz “Celebramos a morte do Senhor até que ele venha”? É só para dizer que depois da vinda final de Jesus, no outro mundo não existe mais a Missa?

Celebramos a morte do Senhor até que ele venha, até que o reinado de Deus esteja totalmente realizado, até que o mundo não seja mais este que está aí. A Ceia do Senhor deve celebrar, preparar e antecipar a segunda vinda do Senhor. Deve comemorar o sonho, o horizonte, a chegada, a vontade de Deus acontecendo aqui na terra como no céu, aquilo que queremos e que, temos certeza, vai acontecer depois desta vida. Não pode reproduzir as desigualdades que vivemos aqui. A partilha, a comunhão, celebram a igualdade que se tornará perfeita com a vinda do Senhor.

(INTERL.) Deveriam continuar celebrando a Ceia do Senhor?

Quem estiver pensando de outra forma, quem estiver pensando em se exibir à custa da humilhação dos outros, não merece, não é digno de comer do pão e beber do cálice do Senhor. A comunidade é o Corpo do Senhor, pouco adiante o Apóstolo Paulo vai dizer e desenvolver esse

pensamento. É preciso respeitar, levar em conta, considerar este Corpo do Senhor que é a comunidade, a quase totalidade pobre, sem estudos e sem nome.

Quem não faz assim, participa da própria condenação quando come da Ceia do Senhor, continua Paulo. A Ceia do Senhor é a condenação desse mundo, onde uns sobem à custa dos outros, onde uns lucram com o prejuízo dos outros, fazem bonito humilhando os outros. Fazer a mesma coisa na Ceia do Senhor é celebrar a própria condenação.

Será que alguma Missa pode fazer mal para a comunidade? Será que, com uma celebração exibicionista, não podemos estar nos condenando com este mundo?

Até o próximo programa, quando, se assim for do agrado de Deus, vamos falar da Missa cinquenta anos depois de Jesus.

- 3 -

CINQUENTA ANOS DEPOIS

Um discípulo do Apóstolo Paulo, conhecido como Lucas, pouco mais de cinquenta anos depois da morte-ressurreição de Jesus, escreveu dois livros, o terceiro Evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos. Nesses dois livros podemos perceber como era a Missa e o que pensavam dela os discípulos de Jesus cinquenta anos depois dele.

(INTERL.) Por quê?

- Dizemos isso, porque Lucas, relatando a vida dos primeiros cristãos no livro dos Atos dos Apóstolos e contando histórias de Jesus no Evangelho, está falando de como se faziam as coisas e do que se pensava no seu tempo e na sua comunidade.

(INTERL.) Qual era o nome da Missa, então?

O nome não era Ceia do Senhor, como trinta anos antes, no tempo de Paulo, nem, muito menos, Missa, como dizemos hoje. Tanto nos Atos dos Apóstolos como no Evangelho, se fala sempre no “partir do pão”.

(INTERL.) Como é que Lucas fala da comunidade primitiva, exemplo para todas as outras?

Nos Atos dos Apóstolos ele conta três vezes como era a comunidade primitiva, a comunidade ideal, a comunidade dos sonhos, perfeita. Todas as vezes fala dos três fundamentos da comunidade cristã: a fé, alimentada pela palavra de Deus e pela oração, a partilha dos bens ou a vida comum (o exemplo) e a atuação fora da comunidade. A cada vez ele destaca um desses três fundamentos, sem esquecer os outros dois.

(INTERL.) Começando pelo fim, na terceira vez em que conta como era essa comunidade, qual dos três fundamentos ele destaca?

- Ele dá destaque para a atuação fora da comunidade, a presença do cristão no mundo, diríamos hoje. Está no capítulo 5,12-16. Os apóstolos, Pedro principalmente, representam toda a comunidade. De todos os lugares vinham procurar a comunidade, os Apóstolos. Traziam a eles as pessoas que

estavam sofrendo. A força da comunidade era tal, que bastava a sombra de Pedro para curar a todos. Hoje, que bom seria se bastasse a nossa sombra para curar este mundo!

(INTERL.) Na segunda vez o que é que ele destaca?

A segunda é a mais conhecida, é a que destaca a partilha, a comunhão de bens dentro da comunidade. Está no capítulo 4,32-37. Todos tinham um só pensamento e um só desejo, ninguém dizia “isso é meu”, tudo era comum. Chegavam a vender propriedades para partilhar entre todos e não permitir que alguém passasse falta de alguma coisa. Era grande a força dos Apóstolos, a graça de Deus em todos, para testemunhar pela palavra e pela vida que Jesus está vivo.

(INTERL.) A primeira deve, então, destacar a fé, que a comunidade alimenta e sustenta, não?

A primeira narrativa explica melhor de onde vem tanta força. Vem da fé, alimentada pela palavra dos Apóstolos e as orações. Está no capítulo 2,42-47. Começa dizendo que todos na comunidade estavam sempre ligados no ensinamento dos Apóstolos, na partilha ou comunhão de bens, no partir do pão (aí a Missa) e nas orações. Impressionavam e tinham a simpatia dos de fora, de todo o povo.

(INTERL.) E a Missa, o partir do pão, onde ficava?

Participavam das orações também no templo, sua fé nasceu ali, na religião judaica. Mas o partir do pão, a Missa, era nas casas. O clima era de alegria e descontração. As mentes eram abertas, simples, sem dobras ou segundas intenções.

O partir do pão, a Missa, era nas casas. Já estava claro, o “partir do pão”, a Eucaristia, a Missa, é só para os que crêem em Jesus Cristo vivo, só para os irmãos, não para todo o público. Nos anos seguintes isso vai ficando cada vez mais claro, a Eucaristia é só para os batizados. Nem mesmo os que se preparavam para o Batismo podiam participar.

(INTERL.) Que significado tem Lucas colocar aí o “partir do pão”, a Missa?

É importante notar que Lucas fala do “partir do pão”, da Missa, onde fala da comunhão de vida e do alimentar a fé na Palavra de Deus e na oração. Sem dúvida,



aquele “partir do pão” que fazia memória do que Jesus fez na Última Ceia era sua grande força e já estava ligado à Palavra de Deus e às orações.

(INTERL.) O “partir do pão” estava ligado à Palavra de Deus e às orações. Isso vai nos levar à liturgia da Palavra nas nossas Missas de hoje?

A nossa fé veio dos judeus. Com eles as primeiras comunidades aprenderam a celebrar. A celebração semanal nas sinagogas constava primeiro de leituras bíblicas, normalmente, uma da Lei de Moisés, o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, e a outra dos Profetas, que era como chamavam os restantes livros do Primeiro Testamento. Depois vinham as orações, as preces. Primeiro Deus nos fala, depois nós falamos a ele.

(INTERL.) E no Evangelho não encontramos nada que fale sobre isso?

No Evangelho do mesmo Lucas temos um episódio onde tudo o que acabamos de falar fica bem claro, é o dos discípulos de Emaús. Está no capítulo 24, versículos 13-35. Encontramos aí as duas grandes partes da Missa de hoje e o significado que devem ter tanto a liturgia da Palavra, quanto a liturgia eucarística.

(INTERL.) Como é esse episódio?

Dois discípulos desiludidos com o fracasso da carreira de Jesus, que terminou naquela morte tão vergonhosa, abandonam a comunidade e estão indo-se embora. Vão para Emaús, distante de Jerusalém. Jerusalém significa a comunidade, lá é que estão os discípulos. O nome Emaús pode significar ‘povo ou comunidade abandonada’. Desiludidos abandonam tudo, vão para longe.

Jesus primeiro se aproxima, passa a caminhar com eles, depois pergunta, pergunta, faz que eles soltem a língua, falem do seu problema e também das esperanças que não estão vendo, dos sinais de vida que não perceberam. A Missa tem que responder aos problemas vividos, iluminar a realidade, os sofrimentos, fracassos, alegrias e esperanças de cada dia.

Depois Jesus passa a mostrar que tudo aquilo que para eles era motivo de decepção e vergonha, estava de acordo com o projeto de Deus, estava na Bíblia. A Liturgia da Palavra deve esquentar os corações, as mentes, deve mostrar os apelos de Deus na realidade, iluminar até os momentos de desilusão e desânimo, deve fazer levantar a cabeça novamente.

Até então, os discípulos não reconheceram Jesus vivo entre eles. Mas pediram que ele ficasse com eles, sentiam necessidade de estar próximos a ele, senão a noite iria chegar e eles ficariam no escuro novamente. E ele entrou para ficar com eles, diz exatamente isso o Evangelho. Mas seus olhos estavam como que tapados. Faltava ainda alguma coisa.

(INTERL.) O que é que faltava?

Quando vão comer, Jesus reza a ação de graças, parte o pão, entrega um pedaço a cada um e faz o que faltava, diz: “Este pão sou eu, que me entrego por vocês!” Aí caiu a ficha! Só ele seria capaz de dizer e de fazer isso! E ele desaparece, não precisam mais vê-lo, sabem que ele está vivo e que veio para ficar com eles.

A noite agora não importa, está tudo claro. Eles se levantam e voltam para Jerusalém, para a comunidade. Estão certos de que ele vive e está com eles, não precisam mais vê-lo.

Essa história nos faz ver como os cristãos da comunidade de Lucas, cinquenta anos depois de Jesus, celebravam e entendiam o “partir do pão”. Já uniam a Palavra e o Pão, o ensinamento dos Apóstolos e a comunhão de bens.

E o partir do pão que relembra a morte dele se faz dentro da ação de graças. Eucaristia quer dizer ação de graças. O pão partido que lembra a sua morte nos dá a certeza de que ele está vivo e que, sem que a gente o veja, ele fica e caminha com a gente.

Obrigado, ouvintes, pela atenção e até o próximo programa, quando vamos falar da Missa sessenta anos depois de Jesus, se assim Deus for servido.

- 4 -

A MISSA SESSENTA ANOS DEPOIS DE JESUS

Agora vamos falar sobre o que se pensava da Missa sessenta anos depois de Jesus. Vamos tentar descobrir pelo menos que significado os discípulos davam para a Missa.

(INTERL.) Será possível encontrar alguma coisa que fale da Missa sessenta anos depois de Jesus?

- Sessenta anos depois da morte-ressurreição de Jesus, foi escrito o Evangelho segundo João. Como será que era a Missa, então? Que será que essa comunidade do Discípulo Amado pensava da celebração da Eucaristia? Vinte anos depois de Jesus, como já vimos, um grupinho de arrogantes estava usando a celebração para fazer bonito, humilhando e fazendo sofrer a maioria pobre da comunidade.

(INTERL.) Agora, quarenta anos depois disso, o que estará acontecendo?

- O Evangelho da Comunidade do Discípulo Amado, o Evangelho segundo João, não fala da instituição da Eucaristia na Última Ceia. Será que eles não faziam o que Jesus mandou quando disse: “Fazei isso em memória de mim”?

A última ceia no Evangelho de João não é a ceia pascal. A Páscoa será no outro dia, Jesus é que será o Cordeiro pascal. Judas, quando sai da ceia e entra na noite vai cuidar de arrumar (comprar, vender?) o cordeiro para a festa.

(INTERL.) Se na última ceia no Evangelho de João Jesus não manda celebrar a Eucaristia para lembrar a sua morte, o que é que ele faz, então?

Nesse Evangelho Jesus não diz: “esse pão sou eu que me entrego por vocês”. Jesus amarra uma toalha à cintura como um avental, põe água numa bacia e vai lavar os pés aos discípulos. O mestre lava os pés aos discípulos.



E ele não deixa de ser mestre. “Vocês me chamam de mestre e senhor e falam certo porque eu sou mesmo!”. Só que ele mudou tudo, ser mestre e senhor agora é isso, é lavar os pés aos discípulos. Não é ter um monte de gente para servi-lo, é botar o avental e servir, e no serviço mais humilde. É dar a vida.

(INTERL.) E ele não terá mandado fazer a mesma coisa?

Em Paulo e nos outros três Evangelhos, instituindo a Eucaristia Jesus diz: “Fazei isso em memória de mim!”. Aqui, depois do lava-pés, ele diz: “Fazei do jeito que eu fiz!” Servi, daí a vida uns pelos outros. Amai do jeito que eu amei!

(INTERL.) Será que para essa comunidade o lavar os pés significava mais do que o pão partido em pedaços? Sessenta anos depois de Jesus será que havia uma desconfiança de que o sacramento do pão e do vinho poderia virar mera formalidade, sem significado nenhum? Esse Evangelho não fala do pão e da bebida espirituais, da carne e do sangue de Jesus?

Fala e muito. Fala e como nenhum outro. Está no capítulo 6. Como outro Moisés, Jesus atravessa o mar seguido pela multidão e vai sentar-se na montanha para ensinar. Ninguém precisa dizer, ele vê que a multidão está com fome. Provoca os discípulos, perguntado onde se poderia comprar pão para aquele povo todo.

Um discípulo apresenta um garoto, um empregado, um servidor, que tem pão e peixe. Cinco pães de cevada, o pão mais barato, o pão dos pobres, e dois peixes. Sete, que significa tudo. Jesus organiza o povo e começa a partilha de tudo, que satisfaz a todos.

Aí eles reconhecem Jesus como o profeta igual a Moisés que, segundo a Bíblia, deveria vir ao mundo. Mas querem fazê-lo rei, querem ficar dependendo dele. Ele foge e volta para a montanha, volta para Deus.

(INTERL.) Até agora o Evangelho só falou do alimento físico, para a vida física, deste mundo. Onde fala do alimento e bebida espirituais?

Eles vão atrás de Jesus, mas Jesus os rechaça. Diz: “Vocês me procuram porque foram beneficiados, porque comeram e ficaram satisfeitos, não porque viram aí um sinal!”. E passa a falar do sinal, do que significava aquela partilha que matou a fome de todos.

O verdadeiro pão que Deus dá é Jesus. É preciso crer nele, comprometer-se com ele, entrar na dele. Ele é o pão que veio do céu, ele dá a vida definitiva, a vida eterna. É, sim, o filho de Maria e José, mas não deixa de ser enviado por Deus, de vir do céu. Mas crer nele, entrar na dele, não é fácil, só se faz isso com a ajuda de Deus.

(INTERL.) Onde está o sinal? Sinal de quê?

A partilha dos cinco pães pobres de cevada e dois peixes, oferecidos por aquele que servia, significava a partilha do próprio Jesus que se entrega para a vida, não dos discípulos simplesmente, mas para a vida do mundo. Para trazer vida para o mundo é preciso comer a carne e beber o sangue desse pão que é Jesus.

Para fazer o leitor ficar atento ao significado mais profundo das palavras de Jesus, o Evangelho de João usa o seguinte artifício: Um personagem faz uma pergunta boba, uma pergunta imbecil, como Nicodemos que pergunta se, para nascer de novo, será preciso ficar pequenino, entrar no ventre da mãe para tornar a nascer. O evangelista parece dizer: “não seja bobo igual a ele, que entende tudo ao pé da letra!”.

Aqui são os judeus que fazem a pergunta imbecil: “Como é que esse indivíduo vai nos dar a sua carne para comer?”. Preferiram entender ao pé da letra, como matéria, como coisa física, a procurar descobrir o significado mais profundo, o espírito. Jesus diz: “A coisa física, a carne, não vale nada, o que eu falei é espírito, é vida!”.

(INTERL.) Isso tudo nos diz alguma coisa do que se pensava da Missa sessenta anos depois de Jesus?

Sessenta anos depois de Jesus, o esforço da comunidade do Discípulo Amado era para buscar entender melhor o que quer dizer comer, morder, mastigar, engolir, digerir, assimilar a carne de Jesus. Carne é a vida humana de Jesus. Santo Inácio de Antioquia, vinte anos depois deste Evangelho, entendeu que a carne dele é o Jesus nascido da descendência de Davi. É a vida cotidiana dele. A gente pode dizer, carne é o Jesus cansado, suado, com fome, com sede, com o pé machucado numa pedra e os nervos à flor da pele, mas ainda pronto para servir. Será fácil a gente engolir isso? Que significa engolir a seco a carne de Jesus?

(INTERL.) E que significado tem beber o sangue dele?

Que quer dizer beber o sangue dele? Sangue na Bíblia quer dizer a morte. Beber a morte de Jesus, que será que significa isso? É ingerir, pôr para dentro da gente a coragem dele de dar a vida, de se entregar à pior das mortes, em favor dos outros. O mesmo Santo Inácio de Antioquia dizia que o sangue dele é o amor que não acaba.

(INTERL.) Isso tudo é muito fácil de se falar, mas pôr em prática é bem mais complicado, não?

No Evangelho, os discípulos entenderam. Tanto que muitos não agüentaram e abandonaram Jesus dizendo: “O que ele está dizendo é duro demais. Quem agüenta uma coisa dessas?”.

A comunidade do discípulo amado agüentou, ficou firme com Jesus, teve coragem de entrar com ele no caminho da morte em favor dos outros, teve forças para amar do jeito que ele amou. Deixou

que ele lhe lavasse os pés, aceitou o amor de Jesus – por isso discípulo amado – e amou do mesmo jeito, com o amor que não acaba.

Será que nós não fazemos como os judeus que perguntavam como é que ele vai nos dar a sua carne? Será que não preferimos falar e insistir em que Jesus está na hóstia, em vez de tentar pôr para dentro de nós, na mente e na vida, a carne, dedicação cotidiana, e o sangue, morte de cruz, o amor que não acaba? Engrandecer o que ele faz não é mais fácil do que engolir o que nós temos de fazer?

Grato pela atenção, amigos ouvintes, e até o próximo programa, se assim for do agrado de Deus.

- 5 -

CENTO E VINTE ANOS DEPOIS

Hoje vamos falar da Missa cento e vinte anos depois de Jesus. Isso vai nos levar mais ou menos ao ano 150 depois de Cristo.

(INTERL.) Existe algum documento, algum escrito desse tempo?

- Por volta do ano 150, um filósofo cristão de nome Justino escreveu uma obra chamada Apologia, dirigida ao imperador romano. Entre outras coisas que escreveu para defender a fé e a prática dos cristãos, Justino fala da Missa nestes termos: *“Entre nós, os que possuímos alguma coisa socorremos os abandonados e estamos sempre unidos uns aos outros. Por todas as coisas das quais nos alimentamos bendizemos o Criador de tudo por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo.*

No dia chamado “do sol” acontece uma reunião de todos os que moram na cidade ou na zona rural. Lêem-se as memórias dos Apóstolos e os escritos dos profetas, na medida do possível. Em seguida, depois que o leitor terminou, aquele que está presidindo chama a atenção e incentiva à imitação dessas coisas bonitas. Em seguida nós nos levantamos todos juntos e fazemos preces e, então, como eu já disse, terminadas as preces, trazem pão, vinho e água e aquele que preside eleva preces e ações de graças como é capaz e o povo concorda dizendo o Amém. Faz-se a distribuição, a partilha a cada um das coisas eucaristizadas. Para os que não estavam presentes os ministros levam”.

(INTERL.) Isso que ele diz aí está falando da Missa mesmo? Hoje parece que é tão diferente...

- Podemos reconhecer aí o núcleo da nossa Missa atual. Primeiro ele lembra a ajuda mútua e a união entre os cristãos. É a primeira coisa, a vida de união é a base, sem espírito de comunidade a Missa não tem sentido. E eu pergunto: a Missa tem algum sentido para quem nega ao outro até um cumprimento formal no momento do abraço da paz?

(INTERL.) Que será esse “dia do sol”?

- Justino fala “no dia chamado do sol”. Esse era o nome pagão do domingo. Domingo quer dizer dia do Senhor, dia em que Jesus ressuscitou como Senhor. É o nome que os cristãos deram ao primeiro dia da semana. Dirigindo-se ao Imperador, Justino usa o nome pagão: “dia do sol”. Em muitas línguas como o inglês (*sunday*) ficou até hoje esse nome pagão para o primeiro dia da semana.

(INTERL.) É verdade, no domingo, uma reunião de todos os cristãos, só pode ser a Missa. Como era?

- Nesse dia reúnem-se os cristãos da cidade e da zona rural. Haveria alguma coisa, um cântico ou uma oração para abrir a reunião? Justino nada diz.

Em seguida vêm as leituras das memórias dos Apóstolos e dos escritos dos profetas. Os escritos dos Profetas são, sem dúvida, leituras do Antigo ou Primeiro Testamento. As memórias dos Apóstolos são os Evangelhos e outros escritos do Novo Testamento.

(INTERL.) Será que essas Leituras já eram escolhidas para o ano todo, como hoje?

- Não havia, evidentemente, um lecionário, como temos hoje, que traz para cada domingo as leituras bíblicas que devem ser feitas. Nem havia determinação de tempo ou extensão das leituras. Eram feitas de acordo com a conveniência e a possibilidade do momento. E não era de admirar que fossem feitas leituras bíblicas de acordo com os acontecimentos vividos pela comunidade. A Palavra de Deus deve iluminar a vida.

Terminadas as leituras vinha a homilia, que consistia em chamar à atenção e incentivar à imitação daquilo que foi lido. A função da homilia é trazer a Palavra de Deus para a vida da comunidade, para a prática cotidiana coletiva e pessoal.

Logo em seguida, as preces. Primeiro ouvimos Deus que nos fala, depois falamos a ele. As preces tinham desaparecido, mas foram recuperadas depois do Concílio Vaticano II.

Depois das preces levam pão, vinho e água para aquele que está presidindo. Parece que estamos vendo o serviço ao altar nas Missas de hoje.

A oração eucarística ou de ação de graças era feita pelo que presidia a celebração, como ainda hoje, só que a oração não era decorada, nem estava escrita. Tinha que ser improvisada, espontânea. Justino diz “como é capaz” ou, literalmente, “tal a capacidade dele” capacidade de criar, improvisar. Ao final o povo concorda dizendo o Amém.

(INTERL.) Seria tão importante assim esse Amém ao final da Oração Eucarística?

- Cerca de 250 anos depois de Justino, Santo Agostinho diz que o Amém reboava como um trovão dentro da igreja. Hoje, muitas vezes cantamos esse Amém. Amém quer dizer está firme, seguro, é isso mesmo, concordamos, fazemos nossas essas palavras.

(INTERL.) Não rezavam o Pai Nosso nem outras orações em preparação para a Comunhão?

- Da preparação para a Comunhão Justino nada diz, diz apenas que se partilhavam entre todos as coisas (o pão e o vinho) que ele chama de *eucaristizadas*, ou seja, sobre as quais se rezou a oração eucarística ou de ação de graças.

Notar três coisas: primeiro que o pão e o vinho, depois da oração de ação de graças com o seu amém, têm outro significado para os cristãos, é um sacramento, a gente diria hoje. Segundo, que não é uma espécie de magia que acontece depois das palavras de Jesus na última ceia. É, sim, o efeito de toda a oração de ação de graças ou oração eucarística. Terceiro, a palavra Eucaristia quer dizer ação de graças, mas já começa a significar aquela ação de graças que dá valor de sacramento ao pão e o vinho, Justino diz *as coisas eucaristizadas*. Já se começa a chamar este sacramento de Eucaristia ou ação de graças.

(INTERL.) Será que todos comungavam?

- *Faz-se a distribuição, a partilha a cada um* diz Justino. Era o normal todos comungarem, mesmo os que não tinham participado daquela Missa dominical, pois Justino ainda diz: *Para os que não estavam presentes os diáconos (ou ministros) levam*. É evidente que os ausentes tinham justificativa séria para não comparecerem na celebração dominical, pois qual cristão gostaria de ficar ausente da celebração mais importante de sua fé?

Os diáconos daquele tempo correspondiam aos ministros de hoje. Diácono é palavra grega que significa garçom, aquele que serve à mesa. Eram eles que prestavam todo o tipo de serviço na comunidade cristã, a começar do serviço aos pobres, para o quê foram instituídos. Seriam os ministros dos mais diferentes ministérios eclesiais de hoje.



(INTERL.) Parece que o eixo, a base de toda a Missa já está aí, mas porque será que chamamos a Eucaristia de Missa?

- Talvez aqui possamos descobrir como se começou a chamar de Missa a celebração da morte e ressurreição de Jesus na Eucaristia. “Missa est” em latim significa (a eucaristia) ‘foi enviada’. Talvez venha daí o nome Missa. Depois de enviar para os ausentes “as coisas eucaristizadas”, como diz Justino, o presidente da celebração dizia: *Ite, missa est*, quer dizer “podem ir-se, a eucaristia já foi enviada”.

Daí a palavra missa ser parente da palavra missão. Missa sem missão não tem significado, Missa que não leva o Cristo para o mundo, para os ausentes, não leva a nada. A Missa é o ponto de

chegada da fé, a sua maior celebração, mas é também o ponto de partida da vida cristã, da missão diante do mundo que está se devorando a si mesmo.

Grato pela atenção, amigo ouvinte, e até o próximo programa, se Deus assim for servido.

- 6 -

DE DUZENTOS A OITOCENTOS ANOS DEPOIS DE JESUS

Vamos falar hoje de um período bem longo, um período de cerca de seiscentos anos, de 250 até perto de oitocentos depois de Cristo.

(INTERL.) Por que falar de um período tão longo?

- Foi nesse período que a Missa se estruturou, ganhando novas cerimônias, novas explicações, novos e diferentes ritos em cada lugar e, também, foi quando recebeu algumas influências que escapavam bastante do pensamento original de Jesus.

(INTERL.) Podemos saber como era a Missa duzentos anos depois de Jesus?

- Temos alguns documentos daquela época. Existe um, por exemplo, chamado “Constituições Apostólicas” de certo Hipólito Romano. Nesse documento encontramos o texto de uma Oração Eucarística que, então, já era iniciada com a saudação: “O Senhor esteja convosco!” e com o convite para elevar o pensamento para Deus: “Corações ao alto” e para dar graças a Deus “Demos graças ao Senhor, nosso Deus!”. A atual Oração Eucarística II é praticamente cópia dessa de Hipólito.



(INTERL.) Em toda Missa se rezava essa Oração Eucarística?

- Ela não era a única nem a obrigatória, cada um que presidia a celebração seguia mais ou menos o mesmo esquema: dava graças a Deus pelo alimento e pela bebida, por aquilo que Jesus foi e fez, lembrava a Última Ceia e a morte e ressurreição do Senhor, mas ia rezando espontaneamente, de

improvisado. No início dessa época os cristãos ainda eram perseguidos, o cristianismo era uma religião proibida e as reuniões e celebrações eram às escondidas, até mesmo nas catacumbas, corredores subterrâneos em cujas paredes sepultavam os mortos e que ainda podem ser visitadas em Roma.

(INTERL.) Depois que os cristãos deixaram de ser perseguidos e a Igreja ganhou a aprovação do governo deve ter mudado muito o jeito de se celebrar a Missa, não?

- Sem dúvida. A Igreja, antes perseguida, passou a ser a religião oficial do Império Romano. Todo o mundo queria se tornar cristão, o que agora era um bom negócio. A partir de então se construíram igrejas grandes, as chamadas basílicas ou casas do rei. O Imperador conferia as dignidades do Império aos que presidiam as celebrações, os bispos. Por exemplo, como beijavam os pés do Imperador, também agora se beijam os pés do bispo de Roma, o Papa. Em cada



lugar e em cada situação surgiam novos símbolos, novas cerimônias ou rituais cada vez mais solenes e havia vários modelos de Missa. Foi então que se criaram as liturgias orientais tanto as das Igrejas unidas a Roma como a maronita, a melquita e outras, como as dos ortodoxos, separados de Roma.

Os bispos foram autorizados a se vestir como as autoridades do Império. Com isso, passaram a usar roupas especiais e riquíssimas para presidir às celebrações. Daí, surgiram os paramentos e outras vestes. O ritual do Império foi adotado na Igreja, multiplicaram-se as cerimônias e a Missa passou a ser um espetáculo a que o povo assistia admirado e cheio de medo, como diz São João Crisóstomo.

(INTERL.) Em que língua era celebrada a Missa?

- Nos primeiros séculos era celebrada em grego, mesmo em Roma. O grego, além de ser a língua do Novo Testamento, era a língua comum, que todos entendiam e era falada em toda a parte, especialmente mais para o oriente. Mais tarde, em Roma e em quase toda a Europa, se passou a rezar em latim, que era a língua falada ou a única língua literária, que tinha escrita e gramática.

Aos poucos o latim tornou-se uma língua sagrada, usada só na liturgia, porque o povo em cada lugar já falava diferente, mas essas línguas eram consideradas sem valor e indignas de entrar na Missa. Só para os lados da Rússia São Cirilo, apesar da desconfiança de alguns, introduziu a Missa na língua do povo, a língua eslava.

(INTERL.) Hoje ainda temos alguma coisa das novas cerimônias introduzidas nesse tempo?

- Só na abertura da Missa temos muitas dessas novas cerimônias. Havia uma entrada solene do Bispo que se paramentava, recebia as homenagens próprias de uma autoridade do Império e, acompanhado de um grande cortejo, entrava solenemente na basílica, o coral cantando um Salmo de acordo com a festa do dia. Depois que chegava ao seu lugar, uma cadeira solene colocada num lugar alto, um trono de príncipe no fundo da igreja, o bispo dava sinal para terminar o cântico do Salmo.

Notar que o coral já deixava o povo de lado. O povo começava a não ser ninguém, apenas assistente do espetáculo imperial. Esse Salmo de entrada ainda está no Missal. Chama-se Intróito.

Em outras ocasiões, a Missa começava numa igreja e depois o povo ia em procissão para a outra, cantando as ladainhas, que terminavam com a aclamação a Jesus: “Senhor, tende piedade de nós! Cristo, tende piedade de nós!”. *Kyrie eleison* em grego, como se conservou até hoje, era a aclamação com que o povo recebia o imperador, que entrava vitorioso numa cidade. Era como se dissessem: “És o Senhor, mas tem pena de nós!”.

Para a Missa de Natal ocorreu a idéia de se iniciar a Missa com um hino de louvor a Cristo, semelhante ao cântico dos anjos que anunciaram aos pastores o nascimento de Jesus. Daí surgiu o hino de louvor ou “Glória” que, aos poucos, foi sendo cantado em todas as Missas festivas.

(INTERL.) As hóstias eram como hoje, ou se usava o pão comum?

- Usava-se o pão fermentado, evidentemente não semelhante ao nosso costumeiro pão francês. Era um pão redondo e grande, que devia ser partido em pedaços menores para a comunhão. O pão único significava a união entre todos. Diz um escrito dos primeiros tempos: “Como o trigo que estava espalhado pelos campos veio a formar este pão, assim também, Senhor, reúne teu povo de todas as partes em uma só comunidade!”.

Antes da Comunhão, porém, o pão devia ser partido. Enquanto os concelebrantes partiam o pão, o povo ou o coral cantava o Cordeiro de Deus.

(INTERL.) Os concelebrantes partiam o pão! A Missa não era celebrada por um bispo ou um padre só? Era concelebrada?

- A Missa era concelebrada. Era presidida pelo bispo, acompanhado pelos presbíteros ou padres. Já por volta do ano 115 Santo Inácio de Antioquia dizia que em cada lugar deve haver uma só eucaristia presidida pelo bispo rodeado pelo seu presbitério.

Muitas orações das Missas de hoje ainda usam o plural quando falam dos celebrantes. Dizem, por exemplo: “nós, vossos servos (os concelebrantes), e a vossa família” (o povo). Ou, então: “Não olheis os nossos pecados (dos concelebrantes), mas a fé que anima a vossa Igreja” (a assembléia, o povo ali reunido).

Muito obrigado pela atenção e até o próximo programa, quando vamos falar como era a Missa de oitocentos a mil e quinhentos anos depois de Jesus.

- 7 -

DE OITOCENTOS ATÉ MIL E QUATROCENTOS ANOS

Hoje vamos falar de um período em que o entendimento da Missa e mesmo seus rituais mais se afastaram daquilo que Jesus propôs na Última Ceia. Vamos falar do período que vai de oitocentos até mil e quatrocentos anos depois de Jesus.

(INTERL.) São seiscentos anos. Muita coisa deve ter mudado no mundo nesse tempo e muitas modificações também devem ter entrado na celebração da Missa. Quais seriam essas mudanças?



- Dois fatores, creio eu, provocaram as principais mudanças. O latim deixou de ser língua falada e já não era entendido e o pão utilizado na Missa deixou de ser aquele pão grande e se passou a usar o pão sem fermento ou ázimo, do tipo das hóstias atuais.

(INTERL.) Que mudanças tão grandes pode ter provocado uso das hóstias em vez do pão grande e fermentado?

- O pão fermentado não pode ser guardado por muito tempo. As hóstias como temos hoje duram bem mais. Aí a reserva para comunhão dos doentes ficou muito facilitada e ganhou muita importância. A presença sacramental de Jesus na hóstia acabou sendo mais importante do que a celebração de sua morte e ressurreição, a Missa propriamente dita. O sacramento é agora uma coisa, a hóstia, e deixou de ser uma ação, a celebração da Ceia do Senhor.

Começaram a ver apenas a presença de Jesus Deus e a adoração à hóstia consagrada foi sendo incentivada cada vez mais.

(INTERL.) Mas não era isso o que Jesus queria?

- Basta prestar um pouco de atenção às palavras dele repetidas em toda Missa: Tomai e comei (não falou adorai)! E no Evangelho de João: Quem come a minha carne... o pão que eu dou é a minha carne para a vida do mundo. O corpo de Jesus, a carne de Jesus, é a sua fraqueza humana, não o seu ser divino, que ninguém nega. A carne de Jesus é o Jesus com o dedão do pé machucado numa pedra, cansado, suado, com fome, com sede, com sono, os nervos à flor da pele. Esse é o que vocês têm de engolir. Ele queria ser alimento e não objeto de adoração.

(INTERL.) Será que o povo parou de comungar também?

- Foi exatamente o que aconteceu. Ninguém mais comungava, só o celebrante. A finalidade da Missa agora era deixar hóstias consagradas para as pessoas adorarem. O povo, porém, descobriu um jeito de comungar, a comunhão pelo olhar.

(INTERL.) Comunhão pelo olhar? Como era isso?

- A Missa já era celebrada com o padre de costas para o povo e rezada em voz baixa. Quando está repetindo as palavras e os gestos de Jesus na última ceia, o celebrante pega e ergue um pouco a hóstia. As pessoas viram e pediram que erguesse mais. Todos queriam ver. Aí surgiu a elevação da hóstia depois das palavras da ceia. Um sinal no sino avisava que estava chegando o momento. O padre, de costas para o povo, tinha que ficar segurando a hóstia acima da sua cabeça por um bom tempo para que todos vissem. Tocavam a campainha e o sino da torre da Igreja. A cidade inteira corria para ver a hóstia. Veio a era dos milagres eucarísticos: “A hóstia brilhava como o sol!” “Vi um menino nas mãos do padre!” Surgiu até uma superstição: no dia em que você visse a hóstia você não morreria. Daí veio o ostensório, que significa objeto para mostrar, as procissões eucarísticas, as bênçãos e tudo o mais.

(INTERL.) E para o próprio ritual da Missa isso trouxe também algumas novidades?

- Sim! Uma delas é que a procissão das ofertas que levava o pão grande, vinho e água e também alimentos e outros donativos para os mais pobres, desapareceu. Aquele pão único e grande lembrava sempre que “como este pão estava espalhado pelos campos nos grãos de trigo e se juntou para formar esse pão, assim também Deus reúne o seu povo de todos os cantos da terra”. A união entre todos os cristãos e a solidariedade com os mais pobres ficam sem símbolos e ficam esquecidas.

Outra foi a do partir do pão, que levava tempo e era acompanhado pelo canto do *Cordeiro de Deus*. As hóstias agora já vêm pequenas e em quantidade, é mais prático. Mas observem bem o símbolo! Já não havia aquele de Jesus que se parte em pedaços em favor de todos. Isso não terá ajudado a esquecer também a morte de Jesus?

E tem mais. A insistência na divindade de Jesus criou uma distância muito grande entre ele e nós. Isso fez crescer, até com certo exagero, a consciência da indignidade do ser humano diante dele e foi o que causou o afastamento da comunhão. Mas motivou também uma multiplicação de orações particulares do celebrante antes, durante e depois da Missa, especialmente orações de pedido de perdão. Algumas dessas orações permanecem ainda hoje como o Ato Penitencial ao início da Missa.

(INTERL.) E o fato de o povo não entender mais o latim, que continuou sendo a língua da liturgia, também trouxe mudanças?

- Já não havia concelebração e multiplicaram-se as Missas. A Missa, espetáculo imperial com as solenidades da corte, ficou reservada para o bispo e para ocasiões especiais. A Missa, rezada agora em vos baixa, passou a ser um mistério reservado ao padre. Passou a ser um ato de devoção pessoal e particular do padre.

O povo já não tinha muito o que admirar, mas ficava mudo, assistindo. Apareceram, então, as explicações chamadas alegóricas. Tudo o que padre fazia ao altar e de costas para o povo era interpretado como símbolo de toda a vida de Jesus (por exemplo, o canto do Glória ou hino de louvor, entoado pelo celebrante, lembrava o cântico dos anjos ao nascimento de Jesus) ou apenas de sua paixão (exemplo, o celebrante lavar as mãos lembrava Pilatos lavando as mãos antes de condenar Jesus). A imaginação corria solta. E novos gestos e novos ritos foram aparecendo para justificar essas explicações.

Cada padre tinha uma idéia nova e inventava um rito novo. Isso chegou a um exagero tal e a coisas tão ridículas, que algum tempo mais tarde foi preciso que o Missal de Pio V engessasse o ritual da Missa.

Disso vamos falar no próximo programa. Obrigado, ouvintes, pela atenção e até lá, se assim Deus for servido.

- 8 -

DE 1500 ATÉ O CONCÍLIO VATICANO II

No programa anterior a gente dizia que por esse período as Missas se multiplicaram. Multiplicaram-se as Missas, mas também as Igrejas e os padres. Houve gente que até reagiu contra isso, dizendo que o mais necessário era que houvesse menos igrejas e menos padres, apenas mais bem preparados.

(INTERL.) Se era um exagero o número de padres que havia, como e de quê eles viviam?

- Muitos viviam de celebrar Missas. Tinha crescido muito a idéia do valor da Missa em todos os sentidos, desde a saúde e bem-estar das pessoas até o sufrágio pelos mortos. Esses valores ou frutos da Missa, como se dizia, eram o objeto constante das pregações. Para celebrar a Missa na intenção de alguma pessoa determinada ou por algum falecido, o padre agora recebia um dinheiro chamado espórtula ou estipêndio. E muitos viviam disso e para isso.

(INTERL.) Se a coisa chegou a um exagero tal, ninguém reclamou ou protestou?

- Conta-se que Lutero, quando ainda era monge agostiniano, estava celebrando calma e piedosamente a sua Missa em uma igreja de Roma. Atrás dele um padre italiano, já paramentado para a Missa, esperava que Lutero desocupasse o altar. Queria celebrar também e, evidentemente, fazer jus à espórtula. Lutero o ouviu repetir insistentemente: “Depressa, porco alemão!”. Por essas e outras se vê que não foi sem motivo que ele começou a Reforma Protestante.

Mas a reação não foi só a de Lutero, que acabou provocando a escandalosa divisão da Igreja do ocidente. A Igreja toda clamava por uma reforma geral “na cabeça e nos membros”, como se dizia.

(INTERL.) Todos queriam mesmo uma reforma profunda? Como caminharam as coisas, então?

- A Reforma Protestante assumiu fortemente o desejo de se ter a Missa na língua do povo, de colocar a Bíblia nas mãos do povo, já que a invenção da imprensa agora facilitava a multiplicação das Bíblias, questionou o uso da oração pelos mortos como meio de vida e de enriquecimento da Igreja. A primeira reação oficial da Igreja foi a de condenar Lutero.

Mas as coisas erradas, os abusos e as maluquices dos que inventavam cada dia uma cerimônia nova na sua Missa e outros tantos abusos tinham de acabar. Foi, então, convocada uma reunião dos bispos do mundo inteiro na cidade de Trento, no norte da Itália, o Concílio de Trento.

Lutero foi convidado, mas não compareceu, já estava condenado. A situação estava difícil, em clima de guerra, cada um puxando cada vez mais, até ao exagero, para o seu lado.

(INTERL.) Num clima desses, as decisões do Concílio devem ter saído com muita dificuldade, não?

- Sem dúvida. Era preciso reformar a Igreja em tudo, mas não se podia aceitar a reforma protestante. O diálogo estava interrompido com Lutero. Não foi fácil conciliar as duas coisas.

(INTERL.) Não seria bom apontar o resultado dessas duas forças, uma querendo reforma outra não aceitando a reforma de Lutero?

- Para não aceitar as propostas de Lutero, o latim ficou firme como língua da liturgia. Quem dissesse que a Missa deveria ser celebrada na língua do povo podia ser excomungado ou expulso da Igreja Católica. Pouco depois foi proibido publicar missais para o povo com a tradução dos textos da Missa, para não haver o perigo de alguém querer rezar a Missa na língua do povo.

Os protestantes diziam que não se deve rezar pelos mortos, que purgatório não existe, que depois que a pessoa morreu, sua sorte eterna já está decidida. O Concílio insistiu na doutrina do purgatório e no costume de celebrar Missa pelos mortos.

(INTERL.) E as reformas que eram pedidas, ficaram todas esquecidas?

- Foi regulamentado, por exemplo, que o padre só poderia celebrar uma Missa por dia. Isso evitaria que se fizesse da Missa um negócio. Nos domingos, para atender o povo poderia celebrar mais Missas, mas sem receber todas as espórtulas.

A invenção da imprensa ajudou a resolver o problema das maluquices que entravam na celebração da Missa, quando cada padre ou cada lugar criava novos gestos, outras cerimônias sem pé nem cabeça, de acordo com a própria imaginação. Com o missal impresso, publicado sob a autoridade do Papa Pio V em 14 de julho de 1570 o ritual da Missa pôde ser engessado. Agora absolutamente nada poderia ser mudado.

Todas as palavras e gestos do celebrante estavam determinados. Estava marcada a posição dos dedos do celebrante, até onde ele devia erguer as mãos, onde, no altar, deveria apoiar as mãos e assim

por diante. E tudo sob pena de pecado. Nos livros que explicavam essas normas alguém chegou a contar 76 pecados mortais ou graves que um padre poderia cometer na celebração da Missa. E isso sem contar os pecados veniais ou leves.

(INTERL.) Isso tudo deve ter trazido muitas conseqüências, não?

- Imagine! Para pessoas com tendência ao escrúpulo, celebrar a Missa era um tormento! E o medo de cometer tantos pecados?...

O latim deixava o povo cada vez mais distante. O celebrante, lendo em latim e grande parte da Missa em voz baixa, não fazia qualquer esforço para comunicar, ao contrário, pronunciava rápida e maquinalmente as fórmulas cuja pronúncia não era prescrita pelo missal, como as das palavras de Jesus na Ceia.

(INTERL.) Depois que passou o trauma da Reforma que levou ao Concílio de Trento, não houve um pensamento de melhorar um pouco a celebração da Missa?

- De cem anos para cá surgiu e se desenvolveu o chamado Movimento Litúrgico apoiado pelos papas, que promoveram mudanças importantes. Pio X incentivou a comunhão diária dos fiéis, as Missas cantadas pelo povo e a primeira comunhão das crianças. Bento XV aprovou a edição de um missal traduzido para o italiano, o que antes era proibido. Pio XI permitiu que o povo respondesse as orações da Missa, dialogando com o celebrante. Pio XII mudou a lei do jejum para a comunhão. Antes quem ia comungar, a partir da meia noite não podia nem tomar uma gota de água enquanto não comungasse. Permitiu a celebração das Missas vespertinas, antes só se celebrava de manhã. Reformou todo o ritual da Semana Santa. Incentivou a participação dos fiéis e introduziu a figura do comentarista na Missa. Só ficou faltando a Missa ser rezada na língua do povo. O Concílio Vaticano II estava preparado.

Do Concílio Vaticano II até hoje vamos falar no próximo programa. Por ora, gratos pela atenção e até lá, se Deus for servido.



- 9 -

DO VATICANO II ATÉ HOJE

Chegamos hoje ao final de nossa série de programas sobre a Missa e sua história. Vamos partir do Concílio Vaticano II, que reuniu em Roma mais de três mil bispos entre os anos de 1962 e 1966, época dos Papas João XXIII e Paulo VI.

A imprensa noticiava há alguns anos que o Papa Bento XVI estava incentivando a volta do latim na liturgia, como explicar isso?

- São duas coisas independentes. Uma é para a Europa, onde há nações e línguas diferentes, mas bem vizinhas. Para o caso de uma reunião internacional, que lá é comum, o Papa sugere que a Missa possa ser em latim ou que, pelo menos, as pessoas saibam cantar algumas partes em latim e na música gregoriana.

Outra coisa bem diferente: Alguns bispos, padres e leigos tradicionalistas não aceitaram as reformas da Missa. Chegaram a dizer que o Papa Paulo VI, que promulgou o novo Missal, era herege e não devia ser obedecido. Esses aí foram excomungados pelo Papa João Paulo II. Pouco antes de morrer, o mesmo Papa João Paulo II permitiu que eles voltassem à Igreja, formando uma espécie de associação especial, que não se sente muito à vontade dentro da Igreja Católica. Bento XVI permitiu que esses e outros que quisessem pudessem celebrar em latim e de acordo com o Missal de Pio V.

(INTERL.) Foi o Papa João XXIII quem convocou o Concílio Vaticano II, não? Será que ele pensava também na reforma da Missa?

- Pensava e queria. Antes do Concílio, frequentemente ele falava disso com o maior empenho.

(INTERL.) E quais foram as principais mudanças que se introduziram na Missa depois do Concílio?

- A primeira, a principal, a mais conhecida, foi a mudança da língua. O latim foi deixado de lado e se introduziu a língua do povo de cada país. Outra: A oração mais importante da Missa, então chamada Cânon, hoje Oração Eucarística, era rezada em voz baixa, agora passou a ser rezada em voz alta e na língua do lugar. Mais importante, o povo foi chamado a participar da Missa. Agora o povo reza, canta, lê, faz gestos, procissões, apresenta símbolos, tudo dentro da Missa, fazendo parte da Missa. Antes, com a Missa em latim, o povo geralmente ficava calado ou fazia outras coisas como rezar o terço enquanto o padre rezava a Missa.

(INTERL.) Mas houve também outras mudanças, menos notadas, não houve?

- Uma que poucos perceberam, foi que terminou aquele rigor que havia no antigo ritual. Nós já falamos que o Missal de Pio V engessou a Missa, ali está determinado até com que dedos o padre deve virar as páginas do missal. Os gestos eram totalmente engessados, sem vida, o celebrante parecendo um robô. Por exemplo, para saudar o povo ele tinha que afastar as mãos uma da outra, sem ultrapassar a largura dos ombros, e dizer *Dominus vobiscum*, “o Senhor esteja convosco”. Durante a Oração Eucarística tinha de traçar, não sei mais, quantas cruces sobre o cálice e a hóstia. Tinha que se ajoelhar, ou fazer genuflexão, a cada vez, antes e depois de pôr a mão no cálice ou na hóstia. As pessoas chegavam a imaginar que os seminaristas passavam tempo todo de seminário aprendendo esses gestos e palavras, “aprendendo a rezar Missa”.

(INTERL.) Alguma coisa foi tirada, foi substituída ou outras foram acrescentadas?

- O Ato Penitencial foi simplificado e ganhou novas formas. Orações particulares que o celebrante devia rezar foram reduzidas ou tiradas. As preces depois da homilia voltaram. Novas Orações Eucarísticas foram aprovadas. Agora o povo reza com o celebrante o Pai Nosso antes da comunhão. Foi cortada a leitura Prólogo do Evangelho de João ao final da Missa, assim como o Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai que o celebrante, de joelhos, ao pé do altar, rezava em português com os fiéis. Para que rezar mais uma Ave-Maria depois da Missa? Agora as pessoas comungam de pé e na mão, antes comungavam de joelhos, recebendo a comunhão na boca. O Concílio Vaticano II insistiu na maturidade do cristão. Quem recebe alimento na boca é criança pequena, doente em estado grave ou filhote de passarinho. Além do problema da higiene, como adultos, a gente se alimenta com a própria mão. De pé, estamos prontos a servir, a viver o que celebramos, pois estamos nos alimentando da morte de Jesus em favor de todos.

(INTERL.) Hoje há um canal de televisão que incentiva as pessoas a receberem a comunhão na boca. Por que será isso?

- Segundo a minha maneira de ver, estão insistindo numa mentalidade de mais de mil anos atrás, quando o povo, de tão amedrontado, deixou de comungar e penso ainda que estão remando contra o espírito do Concílio Vaticano II e do próprio Jesus Cristo.

(INTERL.) Deixar o latim e passar a rezar na língua do povo, a gente entende por que. Mas e as outras mudanças por que foram feitas? Quais as razões dessas mudanças?

- São várias. A principal delas é a participação do povo para fazer que a Missa volte a ser ação da comunidade ou assembléia reunida e não um ato só do padre. Fazer que a Missa seja ponto de chegada e ponto de partida da vida cristã. Agora o povo não reza na Missa, agora reza a Missa. Agora o povo não canta na Missa, canta a Missa. O coral, que antes ficava numa galeria no alto, separado do povo, como se fosse dar um espetáculo musical, agora é apenas um apoio para que o povo cante e cante melhor. As orações particulares ou de devoção, sejam durante, sejam no final da Missa (Pai-nosso, Ave-Maria, Glória) caíram, porque a Missa é ação da comunidade cristã que celebra a Morte-Ressurreição de Jesus e não oração nem devoção particular. Essas orações particulares caíram, para a gente aprender que uma coisa é celebrar a salvação que nos vem em Cristo, outra são as devoções particulares que todos têm direito de ter, mas a que ninguém é obrigado.

(INTERL.) E as preces, por que voltaram? Qual o sentido de fazer pedidos a Deus ao final da Liturgia da Palavra? Espera aí, as preces fazem parte da Liturgia da Palavra?

- As preces fazem parte da Liturgia da Palavra, sim! As preces são coisa antiga, já faziam parte da Liturgia da Palavra, como vimos, 120 anos depois da morte de Jesus. Vieram da celebração da Palavra nas sinagogas dos judeus. Primeiro a gente ouve a Palavra de Deus, o que ele tem a nos dizer, depois a gente responde. As preces lembram que a Liturgia da Palavra é uma conversa de Deus com a sua comunidade. Primeiro Deus é quem fala, primeiro a gente apenas escuta, rezar é primeiro escutar (já notou isso?), depois nós falamos. As preces fazem parte da Liturgia da Palavra, são a resposta da assembléia à Palavra de Deus que acabamos de ouvir.

(INTERL.) Depois de mais de quinhentos anos (muito mais, não é?) de Missa em latim, será que não



ficaram defeitos dos costumes antigos, de quando o povo não entendia nada e ninguém pensava que pudesse entender?

- Infelizmente ficaram. A Missa ainda não voltou a ser a fonte de alimento espiritual, de fortalecimento na fé dos cristãos e, quem sabe, até mesmo dos padres. A Missa é uma coisa de obrigação, mais ou menos para constar, mais ou menos mágica. Depois vão procurar outras orações, devoções, outros momentos, para alimentar a fé. A “celebração da morte do Senhor até que ele venha” parece estar longe do desejo de se aproximar de Deus. A Missa parece que não satisfaz. Depois é preciso acrescentar mais umas Ave-Marias, senão fica a impressão de que ninguém rezou, que não se falou com Deus. Essa marca ficou, infelizmente.

(INTERL.) Será que os séculos de latim, não mais a língua do povo, deixaram também outras marcas como, por exemplo, as próprias traduções dos textos da Missa?

- Diga rapidamente como você entende isto: “Tendo-se encarnado vós nos destes o Vosso Filho como mediador”! Não tem tempo de pensar porque a frase continua. O que você não entendeu no momento fica como um simples ruído, como se fosse o latim. E, para quem prestar atenção, se não dá para entender mesmo? Outras “jóias” dessas você encontra com facilidade principalmente nas Orações Eucarísticas.

(INTERL.) Isso não dá ao celebrante a tentação de rezar depressa, como se fosse o latim, porque ninguém está entendendo ou prestando atenção mesmo?

- Infelizmente em muitos casos é verdade. Já ouvi: “Aquele padre reza como se fosse uma metralhadora!”. Às vezes passa a impressão de que tem alguma coisa muito mais importante a fazer logo em seguida. Aí, volta o que já dissemos, a Missa tornou-se uma simples obrigação, formal, e se tem algum valor, parece ser alguma coisa mais ou menos mágica e não celebrar a morte do Senhor ou “fazer o mesmo que ele fez naquela ceia derradeira”, dar a vida para que o mundo tenha vida.

Muito grato, ouvintes, pela atenção que foi dispensada a esses nossos programas. E que o Senhor os faça produzir frutos acima daquilo que a nossa fraqueza foi capaz de preparar.

ÍNDICE

Introdução	1
A ÚLTIMA CEIA	2
VINTE ANOS DEPOIS	6
CINQUENTA ANOS DEPOIS	10
SESSENTA ANOS DEPOIS	14
CENTO E VINTE ANOS DEPOIS	17
DE DUZENTOS A OITOCENTOS ANOS DEPOIS	20
DE OITOCENTOS ATÉ MIL E QUATROCENTOS ANOS	23
DE 1500 ATÉ O CONCÍLIO VATICANO II	26
DO VATICANO II ATÉ HOJE	29